# POVO JAMAMADI DENI
## FESTA E RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA



SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS 2020 – 19 A 25 DE ABRIL

Organização
Ana Patrícia Chaves Ferreira
Kassiane Schwingel

# POVO JAMAMADI DENI
## FESTA E RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

*Fotografia:* Arquivo COMIN
*Revisão:* Daniela Silva Huberty
*Projeto gráfico e diagramação:* Cristina Pozzobon
*Tiragem:* 30 mil exemplares
*Gráfica:* Editora Evangraf

**Em www.comin.org.br você encontrará vídeos e propostas didáticas para aprofundar esta temática.**

**Caso queira falar conosco, entre em contato pelo e-mail: cominprofordi@est.edu.br**

Conselho de Missão entre Povos Indígenas - COMIN
Amadeo Rossi, 467, CEP 93030-220, São Leopoldo - RS - Brasil
Fone: 55 51 3590-1440

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Povo Jamamadi Deni : Festa e Resistência na Amazônia Brasileira / organização Ana Patrícia Chaves Ferreira, Kassiane Schwingel. – Porto Alegre : COMIN : Fundação Luterana de Diaconia, 2020.
39 p. : il. ; 21 cm.
Inclui glossário.

ISBN 978-85-93033-08-7

1. Indígenas - Brasil. 2. Jamamadi Deni - Amazônia. I. Ferreira, Ana Patrícia Chaves. II. Schwingel, Kassiane.

CDU 397 (=1.81-82)
CDD 981.00498

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 8/10213)

Fundação Luterana de Diaconia
Porto Alegre - RS
2020

# FAZER FESTA É RESISTIR

"Povo Jamamadi Deni – festa e resistência na Amazônia brasileira" é o título do caderno da Semana dos Povos Indígenas 2020, pensado para dar visibilidade a mais um importante povo indígena no Brasil, mais precisamente da Amazônia.

Existem controvérsias sobre a denominação do povo Jamamadi Deni, pois há suspeitas de que o povo Jamamadi dos municípios de Boca do Acre/AM e Pauiní/AM seriam do povo Deni. O equívoco teria acontecido na hora de não indígenas identificarem e nomearem este povo. Por este caderno ter sido construído com a comunidade do Tocimão, que está na Terra Indígena Inauiní Teuiní, usaremos a autodenominação utilizada por esta comunidade, que é "Jamamadi Deni". Para além das dúvidas ainda presentes nos estudos históricos, prevalecerá aqui a forma como estas pessoas se identificam e se apresentam.

Segundo dados do Instituto Socioambiental, levantados no ano de 2000, a população total de Jamamadi era de cerca de 800 pessoas. Neste caderno, trabalhado especificamente com a comunidade do Tocimão, estamos falando de 81 pessoas. O processo de produção deste conteúdo aconteceu através de visitas à comunidade Jamamadi Deni, onde foram realizadas entrevistas, filmagens, fotos e também muitos diálogos com diversas pessoas da comunidade. No decorrer do processo de escrita e organização do material, o diálogo manteve-se para que tudo o que fosse escrito e exposto nele estivesse de acordo com a vontade e entendimento desta comunidade.





Para além de se apresentarem enquanto povo às diversas pessoas que não as conhecem, as pessoas Jamamadi Deni perceberam nesta produção uma oportunidade de ter um registro de sua cultura e seu modo de ser. Também trouxeram temáticas que preocupam a comunidade, para que este caderno seja ferramenta de suas lutas.

Para você, que recebe e lê agora este caderno, é uma oportunidade de aprender com um povo indígena amazônico que mostra a sua resistência mantendo-se em seu território. É importante ressaltar que este território está na região brasileira conhecida pela vasta natureza, mas que também vem enfrentando grandes frentes que querem a exploração, o desmatamento e até mesmo a mineração. O povo Jamamadi Deni usa este caderno para exercer seu protagonismo como povo indígena amazônico e trazer sua perspectiva de uso do seu território em harmonia com a conservação da natureza. Também você poderá descobrir com as pessoas Jamamadi Deni a importância da festa: seja para agradecer uma colheita ou um roçado, seja para comemorar o nascimento de uma criança. A alegria e os ritos coletivos de agradecimento são também formas de resistir e seguir sendo quem são!



# AQUI É NOSSA ALDEIA MESMO!
# DAMÁSIO TAMAKURIDENI



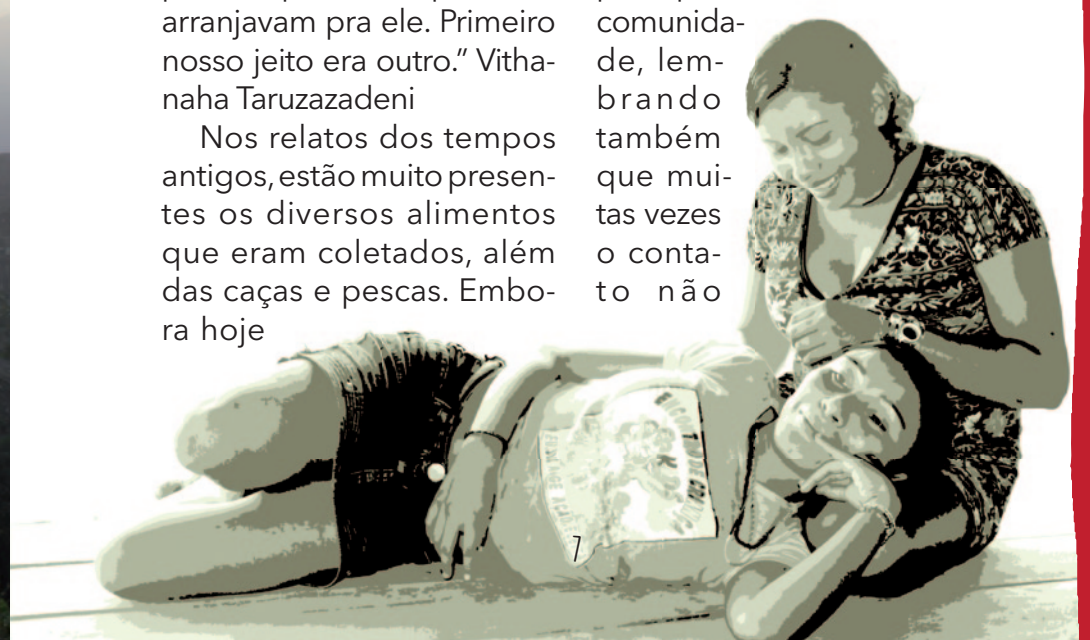


Muito antes da chegada de não indígenas, o povo Jamamadi Deni já habitava a região do Médio Purus onde vivia do que a natureza oferecia: "No começo, não tinha farinha. Comiam só palmito, pau do índio e cará do mato." Vaimã Maukuvideni

"Primeiro nós não tínhamos nada, nem machado, nem terçado, nem isqueiro nós não tínhamos. Meu pai que começou a sair pra fora e comprava: sal, isqueiro, machado. Mas machado meu pai não tinha dinheiro pra comprar, aí os parentes arranjavam pra ele. Primeiro nosso jeito era outro." Vithanaha Taruzazadeni

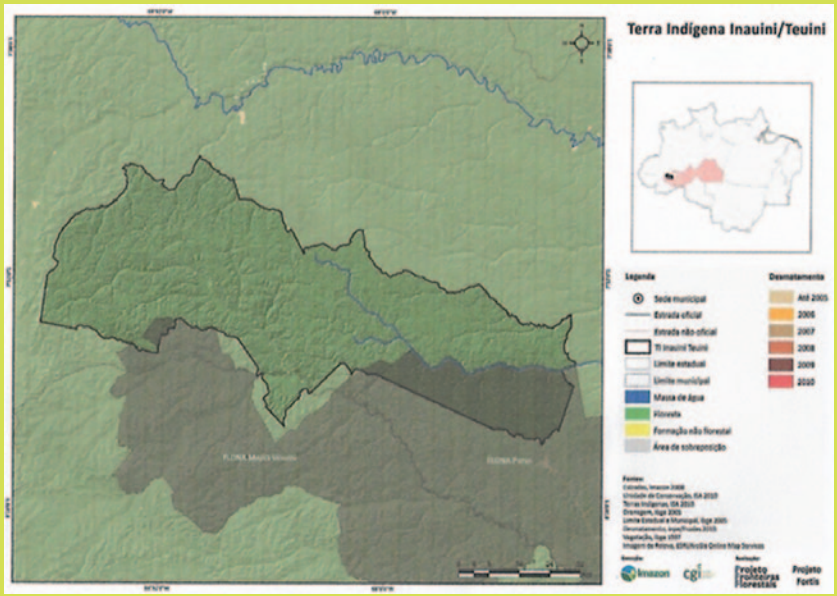
Nos relatos dos tempos antigos, estão muito presentes os diversos alimentos que eram coletados, além das caças e pescas. Embora hoje a comunidade Jamamadi Deni tenha acesso a ferramentas que facilitem estas práticas, elas seguem existindo muito parecidas, como será descrito no decorrer deste caderno.

Napãnava Anupideni, uma das anciãs da comunidade, lembrados primeiros contatos que teve com não indígenas: "Antes nós tínhamos medo do kariú, nós corríamos, nós nos escondíamos." As reações de estranhamento e medo para com não indígenas são frequentemente relatadas pelas pessoas mais velhas da comunidade, lembrando também que muitas vezes o contato não



era amistoso, especialmente durante o período conhecido como "segundo ciclo da borracha" (década de 1940). Nessa época, quando houve grande exploração nos seringais, muitos povos indígenas foram dizimados, outros tiveram seus territórios invadidos e a força de trabalho de quem sobreviveu foi escravizada. Assim também aconteceu com gente do povo Jamamadi Deni.

Atualmente, com a organização geográfica não indígena, o território Jamamadi Deni está nos municípios de Boca do Acre e Pauini, no sul do estado do Amazonas. Esse povo vive em uma área de 4.690 Km, a Terra Indígena Inauiní Teuiní, demarcada no ano de 1997.




Mapa Terra Indígena Inauini/Teuini, Boca do Acre e Pauini/AM | Fonte: IMAZON



A demarcação da sua terra é considerada pelo povo Jamamadi Deni fruto da luta dos seus e das suas ancestrais: "O meu avô, que era o mais velho, ele lutou muito pra conseguir essa terra pra nós. Ele lutou muito pra fora, junto com os parentes Apurinã e de outros povos. Por isso que até hoje que nós estamos aqui." Vahanu Maukuvidei.

O professor Francisco Maukuvideni alerta: "A nossa terra foi demarcada em 1997 como área indígena. Isso pra nós é possibilidade de futuro. Aqui tem muita caça e peixe. E só Jamamadi que a gente quer aqui. Não queremos que os não indígenas venham entrar na área indígena pra pescar e vender no município. Também os fazendeiros nós não queremos que entrem aqui e invadam nossa terra. Aqui faz tempo que nós estamos, nossos bisavôs, tataravôs... E daqui a 20 anos pra frente muitos parentes ainda estarão aqui."

Essa preocupação com a manutenção de seu território e também com sua preservação é muito presente nas falas de pessoas Jamamadi Deni. Sobre as ameaças ao território, o cacique da comunidade de Mavira Zepenekusi relata: "Tem muito fazendeiro que derruba muitas árvores, pescadores e caçadores também. Nós aqui na nossa Terra Indígena demarcada Inauiní Teuiní já há muitos anos e até hoje nós não queremos isso. Não vamos derrubar todas as árvores, não podemos pescar e caçar muito, mas só para comer. Também pra fazer casas tem





que derrubar árvores, mas é só para as casas. Se vem fazendeiro e começa a derrubar tudo, a gente não vai mais viver, o sol é muito quente."

Embora o território Jamamadi Deni esteja demarcado e, por isso, deveria ser protegido pelo governo federal, a comunidade já sente a proximidade das ameaças: "Têm muitos caçadores e pescadores que gostam de entrar no nosso ambiente aqui. Já está ficando quase difícil, principalmente peixe. Na vazão do peixe pescador entra aqui de todo jeito. Eles pegam muito peixe pra vender e quase falta aqui pra nós." Vahanu Maukuvideni

A lógica de vida e organização social Jamamadi Deni não compreende a exploração desmedida da natureza e a ganância, que criam invasões aos territórios. "Tem pessoal que fala que vão matar nós, devido a nossa terra, devido à madeira. Mas eu falo assim: não, eles têm terra pra lá. Como é que vão mexer com a nossa terra? Antigamente nossos avós já moravam por aqui." Napãnava Anupideni.



# MITO DE ORIGEM DO POVO JAMAMADI DENI

*O povo fazia festa todo dia e não tinha roçado, não procurava fruta na mata. Uma velha que estava com fome foi procurar um pé de cará ou inhame na mata e não achou nada.*

*Ela chamou o pajé do outro lado do céu. Antigamente, nas comunidades Jamamadi Deni, não existia pajé e, por isso, tudo era longe e para conseguir construir um roçado era difícil.*

*Chegou um pajé na aldeia e, no dia em que ele chegou, ele cheirou o rapé dele e subiu para o céu. Começou então a cortar o céu até que ele conseguiu arrombar, furar o céu. Choveu muito e começou a alagar toda a terra. Com isso, morreu todo mundo, só escaparam dois irmãos porque não estavam no momento da alagação. Quando os dois irmãos chegaram à aldeia deles, encontraram um lago bem grande e todo mundo morto.*



*Eles estavam com muita fome, então colocaram tingui no lago, pescaram peixe, muquinharam, assaram e comeram durante todo o dia. No outro dia, um dos irmãos saiu cedo para olhar o roçado que eles tinham preparado e tinha nascido um pé de milho.*

*O milho cresceu e eles colheram. Um dos irmãos pegou o milho e comeu, só que o milho era muito duro e quebrou o dente dele. Então ele pegou uma faca e cortou a boca e jogou para cima. Quando chegou lá em cima, a boca cortada virou um ratinho e, quando caiu no chão, virou o peixe cará.*

*No outro dia, resolveram pescar novamente. Pescaram o peixe poraquê, fizeram um caldo bem forte dele e tomaram. Ficaram bem fortes e, no dia seguinte, começaram a resgatar o povo que tinha morrido com a alagação. Mas, no momento em que um dos irmãos começou a beber o caldo forte de poraquê, ele vomitou e começou a falar outra língua de outro povo e saiu outro povo de dentro dele. O outro irmão pediu para que ele tomasse novamente o caldo e assim ele fez, mas vomitou novamente e começou a falar a língua de outro e saiu outro povo de dentro dele novamente. E assim se repetiu por muitas vezes.*

*Então o outro irmão decidiu tomar o caldo de poraquê e vomitou também, mas conseguiu falar a língua do povo Jamamadi Deni. Ele conseguiu resgatar seu povo que foi saindo de dentro dele até a aldeia ficar completa novamente.*

(Mito contado por Vahanu Maukuvideni)





# A VIDA NO SOBE E DESCE DAS ÁGUAS

No mito de origem do povo Jamamadi Deni, estão descritas diversas práticas que este povo faz até hoje: muita festa, plantio de roçados, pesca... Para além dos aspectos culturais, algo que influencia diretamente na vida destas pessoas são os ciclos da natureza. Na Amazônia, existem somente duas estações do ano: inverno e verão. O inverno amazônico, como é chamado, acontece entre os meses de dezembro e maio. O verão amazônico acontece entre os meses de junho e novembro.

Para cada estação existe um tipo de ciclo com atividades de pesca, caça, plantio de roçado, coleta de frutos na mata, construções de

casas e embarcações e até mesmo seus rituais de festas. O inverno amazônico é bem chuvoso, sendo entre os meses de janeiro e março o período de maior densidade de chuvas, quando os rios e igarapés estão extremamente cheios e bons para navegar.

O verão amazônico é seco, com pouquíssimas chuvas e muito calor, período quando os rios e igarapés ficam mais secos e baixos, sendo muito ruim para navegar. "No verão, se pescar de noite ou de dia, pega! Piau, bucão, pacu, matrinxã, tucunaré." Nupi Maukuvideni

A distância da comunidade de Tocimão até a cidade mais próxima, que é Pauini, utilizando as embarcações (barcos e canoas) Jamamadi Deni, édois dias navegando. Somente embarcações menores, como canoas e rabetas (tipo de canoa), conseguem chegar até o Tocimão. Devido à distância, não é muito frequente a presença de Jamamadi Deni do Tocimão na cidade de Pauini e muitas dessas pessoas passam até meses sem ir à cidade.

AS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS INTERFEREM DIRETAMENTE NA VIDA DO POVO JAMAMADI DENI. TALVEZ NA SUA VIDA ISSO TAMBÉM ACONTEÇA. JÁ PENSOU SOBRE ISSO?

Essa vida sustentada praticamente pelo que há no próprio território só é possível por não ser uma terra pequena. "Nós precisamos desta terra grande. Às vezes nós vamos caçar e passamos uma semana caçando pra trazer um rancho pra comunidade. Quando nós vamos pra coleta da castanha, subimos uns três dias de canoa com motor e lá temos tipo uma aldeia assim, pra nós irmos todos. Ficamos lá um ou dois mês, coletando a castanha e vendemos pra comprar açúcar, café, sabão... Isso pra poder ajudar também. Então a gente precisa dessa terra grande também pra fazer um roçado grande, plantar macaxeira, banana, um legume, pra gente se manter, sobreviver. Se nós não tivermos essa terra grande, a gente tem que comprar e é tão caro uma farinha no mercado!" Vahanu Maukuvideni

Aqui aparece outra característica do povo Jamamadi Deni do Tocimão que é a organização seminômade dentro do seu próprio território, que faz com que, de acordo com os ciclos e estações, estejam em lugares diferentes. Constroem pequenas casas e tapiris para suas migrações sazonais ou expedições de caças, pescas e, principalmente, na coleta de frutos da mata como castanha e piquiá, buriti, patoá, bacaca, pupunha, uxi, sova, cacau, cupuaçu, shuvi, ingá, shabunu, pama, tucumã, mulungu, abacate e açaí.



O povo Jamamadi Deni se dedica especialmente à coleta da castanha e do piquiá, sendo a castanha o produto que gera mais possibilidade de ser comercializado. Durante os meses de dezembro a março, o povo se desloca para os castanhais, que ficam a dois ou três dias da comunidade central, levando toda a família. Praticamente toda comunidade se deslocada para realizar essa atividade, inclusive várias crianças Jamamadi Deni já nasceram durante as coletas nos castanhais. Napãnava Anupideni fala mais sobre esse período:

"Quando chegamos à mata, uns se organizam para fazer o tapiri, outros pescar ou caçar, enquanto outros vão coletar castanha. Eu gosto muito de ir para os castanhais, logo pego palha de buriti para fazer um paneiro e cipó para fazer cestos para colocar as castanhas. Assamos e muquinhamos peixe, tiramos açaí, piquiá. Eu gosto muito de tudo isso, mas é trabalhoso, difícil também, porque tem malária, e podemos adoecer".

Essa vida seminômade tem a ver com uma relação estabelecida por este povo com a natureza que é baseada no respeito. Ao invés de forçar a produção de alimentos em um mesmo espaço durante todo o ano, as pessoas Jamamadi Deni se deslocam em busca do que a natureza pode lhes oferecer. Também se percebe esse respeito nos relatos sobre a busca de alimentos:







"Eu pesco meu peixe pra trazer pra casa, pra comer! Se topar com um bando de queixadas a gente mata um ou dois. Porque é pra comer mesmo." Maukuvideni

"Se tiver muita produção no roçado a gente vende. Se não, a gente planta pra fazer só o nosso costume mesmo." Vahanu Maukuvideni

Ou seja, o que se retira da natureza, as caçadas e pescas que são feitas, sempre tem o intuito de alimentar as pessoas e não explorar esses recursos.

O povo Jamamadi Deni leva para a cidade apenas alguns produtos para vender, como: vassouras, abanos, cestos, peneiras, castanhas, farinha. "As vassouras a gente faz aqui. Busca o cipó no mato e faz pra vender. Vende a cinco reais, seis reais e quando vende caro é oito reais." Visuharu Maukuvideni

Quando vendem os produtos na cidade de Pauini, geralmente usam o dinheiro para comprar combustível e se locomover nas suas canoas a motor, além de sabão e sal para consumo.

# NÃO SE É FELIZ SÓ – VIDA COLETIVA

A comunidade Jamamadi Deni do Tocimão é composta, no período da elaboração deste caderno, por 81 pessoas, sendo que destas 44 são crianças. Está organizada em cinco clãs, que são: Maukhuvideni, Avamakhuvideni, Anupideni, Tamakurideni e Taruzazadeni. Na comunidade também há um cacique e um vice-cacique e, sobre isso, o atual cacique Mavira Zepenekusi explica: "Tudo, até as caças, tem um chefe: queixada tem um chefe, porquinho tem um chefe, veado tem um chefe. Então nós temos que ter um chefe também."





Quase todas as atividades praticadas na comunidade são feitas de forma coletiva. Quando se constrói uma casa, por exemplo, toda a comunidade se envolve e ajuda nesta construção. "Nós não sabemos vender madeira. Na área indígena é proibido vender madeira. Agora se for pra comunidade mesmo, pra gente fazer uma casa pra uma família, aí pode serrar madeira. Mas pra vender, não." Vahanu Maukuvideni

UM EXEMPLO DADO PELAS PESSOAS JAMAMADI DENI DE TRABALHO COLETIVO É A CONSTRUÇÃO DAS CASAS. NO LUGAR EM QUE VOCÊ VIVE, AS PESSOAS SE UNEM PARA TRABALHOS COLETIVOS?

As casas Jamamadi Deni do Tocimão são feitas de madeira com assoalho da ripa da paxiuba ou tábua de madeira e telhado de palha. São feitas bem altas, no modelo de casas de palafitas, protegendo de animais da mata e alagações. Na comunidade Tocimão, não há energia elétrica, somente um gerador à diesel que é ligado quando há alguma atividade na comunidade.

Os roçados também são importantes espaços e podem estar perto ou mais distantes da comunidade. Neles, as pessoas Jamamadi Deni plantam macaxeira, mamão, banana, raízes como cará e batatas. Existem também outras frutas introduzidas pelo contato com a sociedade não indígena, como goiabeiras, laranjeiras, limoeiros e mangueiras. Segundo Visuhara Maukuvideni, toda a família participa no preparo do roçado.

"Os homens começam derrubando a mata bruta, é um trabalho muito duro, tem que estar bem forte e com saúde para fazer. Eles começam brocando e derrubando.

Depois de um mês que a terra está descansada, lá pelo mês de maio, vamos tocar fogo. Depois de queimar tudo é que vamos plantar. Senão queimar bem, aí vai fazer coivara. As mulheres e a meninada é quem plantam e colhem. Cuidamos do roçado, temos muito trabalho pra fazer, mas é muito importante ensinar tudo para os nossos filhos e netos, pois assim eles sempre irão lembrar e fazer sempre, irão comer o que a terra nos dá e irão cuidar da terra também".

Existem algumas divisões de tarefas definidas, especialmente entre homens e mulheres. Cuidar do roçado é tarefa das mulheres: "Aqui nós estamos vivendo bem. A mulherada vai pro roçado, tira cará, inhame, macaxeira. A gente vive assim." Nupi Maukuvideni







Também são as mulheres que preparam as carnes para as refeições. Já a caça e a pesca são atividades dos homens: "Quando a gente chega de uma caçada, as mulheres preparam tudo e chama todos os parentes pra comer junto." Tanurivi Taruzazadeni

Para cozinhar seus alimentos, a comunidade do Tocimão usa o zipha "fogão de barro". O fogão de barro é feito pelos homens e pelas mulheres e geralmente é construído bem no fundo da cozinha. Porém, para o fogão funcionar, é necessário sempre ter lenha e essa é mais uma tarefa das mulheres: "O homem não tira lenha aqui. Só as mulheres. Torrar a farinha também é só as mulheres." VithanahaTaruzazadeni

O povo Jamamadi Deni tem a prática de produzir cestarias de cipó "pavi", a fibra e folha de duas palmeiras: buriti "maruepe" e tucumã "kuriaepe", como também a fibra da envira, para fazer rede. São feitos paneiros "rhaba", paneiros fechados "rhabakunezari", peneiras "sasava", cestas "sasurini", tapiti "manu", abano "phephe", vassoura "rõverõve", rede "phoi", chápeu "kiki" e cocar "tushaha".

O processo de confecção das cestarias e tecelagem envolve toda a comunidade. Algumas pessoas ficam responsáveis por retirar as folhas do buriti e tucumã e o cipó envira na mata, outras ficam responsáveis pelo processo da tecelagem.







# O COLETIVO, PARA ALÉM DAS PESSOAS

A organização coletiva da vida na comunidade Tocimão não fica restrita somente entre os seres humanos. Nos diálogos com as pessoas Jamamadi Deni, é possível perceber sua ligação e preocupação com os outros seres, como os animais e as plantas. "As árvores têm que ser deixadas, não derrubar. Ali estão os animais na natureza, na floresta. Onde tem fruta, eles se alimentam."

Essa ligação com os animais e as plantas pode ter relação com aspectos da espiritualidade, como no exemplo citado por Francisco Maukuvideni: "Aqui tem cinco clãs. Não pode se casar com o mesmo clã. Mas, a queixada era gente de um clã, então eu não posso caçar quem é do meu clã." Para os povos indígenas, a espiritualidade e cosmovisão de mundo têm uma relação muito forte com os seres, sejam eles humanos, animais ou plantas. Entre as pessoas Jamamadi Deni não é diferente essa relação: um animal, planta, rio, igarapé por vezes pode ser gente, por vezes pode ser um ser espiritual, como também pode ser um animal, planta, rio, igarapé tão somente.

COMO VOCÊ ENXERGA AS PLANTAS, OS ANIMAIS, OS RIOS? SUA RELAÇÃO É DE RESPEITO PARA COM A NATUREZA E A VIDA QUE NELA HÁ?

"A árvore tem cabelo, tem os filhos dela. As árvores são filhas da terra. Quando derruba uma árvore, a terra chora. Assim como nós que sentimos saudade da família." Francisco Maukuvideni

Já com os animais há bas-

tante proximidade, especialmente com os macacos. Muitas pessoas criam macacos em suas casas e esses são carregados por todos os lados da comunidade, normalmente pelas crianças. Além disso, há formas de comunicação estabelecidas, com interpretações de sinais dados pelos animais para as pessoas. Alguns exemplos dados por Francisco Maukuvideni são: "Quando a abelha azul fica rodando, de manhãzinha, em torno do fogo é porque vai chegar a queixada!"

"Quando amanhece e os pássaros estão muito animados cantando é porque está tudo bem e é pra fazer uma festa grande."

"Se o macaco 'zóg zóg' canta de manhã é porque vai chover o dia todinho. Aí ninguém sai para caçar ou trabalhar."

Também as plantas e os ventos podem comunicar coisas às pessoas Jamamadi Deni,





segundo Francisco Maukuvideni: "Quando, ao meio dia, dá um vento forte em frente da casa, levanta a poeira e fica girando, é um aviso que vai vir parentes e é pra fazer uma festa com muita dança."

"Quando a capeba do Joari cai emborcada é porque não vai encher muito o rio. Quando ela cai com a barriga pra cima é porque o rio vai encher muito."

Porém, nem todos os animais são amigos. As onças, por exemplo, são tidas como muito perigosas, especialmente quando os homens saem para as caçadas e podem encontrá-las no meio da mata. José Maukuvideni cita outros animais perigosos: "Cobra é bicho perigoso. Também tucandeira, aranha, dentro da água a arraia. Se uma cobra pega, por exemplo, a gente faz remédio do mato. Tem uma cana que a gente raspa e coloca onde que o bicho pegou."

NA SUA FAMÍLIA SÃO USADOS REMÉDIOS DA NATUREZA? QUEM SÃO AS PESSOAS QUE CONHECEM ESTES REMÉDIOS?

Muitas outras situações de doenças ou machucados são tratados pelos remédios da própria mata. "De primeiro não tinha os kariú da saúde e a gente usava só os chá do mato. Meus meninos, quando tão doente, eu faço chá do mato. Tem o 'embireira preta' que a gente chama, raspa e faz cozimento e dá pros meninos até os meninos ficarem bons. A gente sabe, porque antes não tinha essas coisas de doutor ou enfermeira."

E nessa organização da vida, as plantas e os animais que são incluídos e incluídas na coletividade do povo Jamamadi Deni também promovem curas e colaboram para uma vida com maior qualidade e saúde.



# AS CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO JAMAMADI DENI



Para o povo Jamamadi Deni, crianças de 0 a 6 anos são chamadas de edeni. Meninos de sete a doze anos são chamados de zabizu e meninas são chamadas de zuvatu.

As crianças Jamamadi Deni são extremamente independentes e livres no seu dia a dia. Brincam na mata, no igarapé, no rio, nos castanhais e vão para a escola.

As meninas cedo acompanham as mães com as tarefas domésticas, aprendem a cozinhar, lavar, ter conhecimento da mata, dos ciclos da lua e das estações, cuidar da casa e dos irmãos e das irmãs menores. Geralmente, as crianças se cuidam entre si, mas, ao mesmo tempo, todas as pessoas na comunidade são responsáveis por suas crianças. "As crianças tiram folha pra brincar no meio do terreiro. Quando a goiaba dá, as crianças todinhas pegam e vão comer as goiabas juntas. Assim também é no tempo do ingá, do maracujá. As crianças todinhas comem juntas." Vithanaha Taruzazadeni

AS CRIANÇAS JAMAMADI DENI ESTÃO QUASE SEMPRE EM GRUPOS, BRINCANDO NA COMUNIDADE. NENHUMA CRIANÇA TEM ACESSO A COMPUTADOR OU CELULAR. VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR UMA INFÂNCIA ASSIM?

Os meninos também logo cedo acompanham os pais para aprenderem a caçar, pescar, preparar o roçado, fazer uma canoa ou uma casa, buscar frutos na mata, ter conhecimento da mata, aprender os ciclos da lua e das estações. Eles também ajudam no cuidado com os irmãos e as irmãs menores. "Quem me ensinou a caçar foi meu avô, pois eu andava com ele e ele foi me apresentando." Tanurivi Taruzazadeni

Não se vê na comunidade Jamamadi Deni, entre crianças, mães e pais, gritos







raivosos, castigos ou crianças apanhando. Acompanhando as pessoas adultas nas tarefas é que as crianças vão aprendendo e também vão brincando: "Quando tá na mata tirando cipó, nós pegamos os meninos e puxamos o cipó e caímos tudo junto! Damos risada, gritamos com os meninos no mato. É assim nosso jeito!" Vithanaha Taruzazadeni

"Quando o pai vai pescar, os meninos vão junto. Quando a mãe vai pro roçado, os filhos vão junto ajudar a mãe. No caminho pro roçado, as crianças vão brincando." Francisco Maukuvideni

O banho no rio e igarapé é uma das atividades que as crianças Jamamadi Deni gostam de fazer, o que, na verdade, vira uma brincadeira para todos e todas.

Por isso, as crianças Jamamadi Deni muito cedo aprendem a nadar, o que para elas também é uma questão de sobrevivência, pois os rios e igarapés são os caminhos por onde se locomovem para outros lugares dentro e fora do seu território. "As crianças vão brincando na água, tomam banho. A gente ensina logo a criança a nadar, assim que começa a andar. A gente fala 'nada meu filho!'" Vithanaha Taruzazadeni

É MUITO COMUM ENCONTRAR MUITAS CRIANÇAS NO RIO: BANHANDO-SE, NADANDO E BRINCANDO! O RIO OU IGARAPÉ É PARTE DO COTIDIANO DAS CRIANÇAS!

Brincar na canoa é outra atividade que as crianças Jamamadi Deni gostam muito de fazer. Desde cedo, já aprendem a navegar e remar pelos rios e igarapés do seu território. Uma das brincadeiras que elas mais gostam é apostar corrida a remo. A canoa normalmente usada é feita da casca do jutaí (um tipo de árvore da Amazônia). Muito

leve e resistente, é um tipo de embarcação tradicional do povo Jamamadi Deni.

Além dos processos educativos desenvolvidos pelas famílias e pela comunidade, as crianças da aldeia Tocimão frequentam a escola na própria comunidade. Esse é um elemento recente e que encontra alguns desafios, como a falta de materiais didáticos escritos na sua língua. As crianças aprendem primeiramente a língua do povo Jamamadi Deni e a escola acaba sendo o local de contato e aprendizado da língua portuguesa. Por isso, a escola tem sido percebida como uma possibilidade de acessar os conhecimentos não indígenas. Quando concluem o Ensino Fundamental precisam sair da comunidade para estudar: "Eu sou feliz aqui. Sou professor e fico feliz por isso, porque tem muita criança aqui e elas precisam estudar. Tem também sobrinhos meus que moram em Boca do Acre pra estudar e já são sabidos. Quando vou lá eles me perguntam dos parentes, da família. Mesmo lá, eles nunca esquecem a aldeia." Francisco Maukuvideni



Para as pessoas jovens que vão às cidades vizinhas estudar, os desafios são muitos, desde a sobrevivência material até acostumar-se com outro modo de viver e perceber o mundo. Porém, o conselho das pessoas adultas é para que não desistam: "Eu falo pros meninos que estudam que a gente precisa de mais pessoas pra ajudar nós. Pessoas que entendam das leis. Por isso, não podem deixar logo de estudar, só quando terminar." Francisco Maukuvidei





# TATABURATSUNUKHA" – JAMAMADI DENI FAZ FESTA!

O povo Jamamadi Deni do Tocimão é um povo que prepara festas por vários motivos: comemorar uma colheita, pelo nascimento de uma criança, por um casamento, pela chegada de visitantes à comunidade. Para as pessoas mais velhas, essa prática é uma forma de não esquecerem suas tradições e ensinarem às mais novas as músicas e danças.

"Tatabura" significa festa e "tsunukha", música e as festas Jamamadi Deni poderiam ser resumidas em: toda a comunidade reunida no pátio, cantando e dançando suas músicas tradicionais. A festa realizada com mais frequência é a da banana "ima'anusinaha", celebrada o ano todo, pois a banana é uma fruta que produz durante todo o ano.

As festas geralmente começam à tarde, com vinho de "zamaphani", bebida fermentada de banana, macaxeira, batata doce, açaí e milho. Cada canto tem um significado e as músicas mais cantadas são a da caroba (peixe pirara), da avitamidzi (anta) e zumivi (do peixe piau).

Durante os rituais de festas, as pessoas Jamamadi Deni costumam se ornamentar e pintar. Para as pinturas, utilizam a tinta do jenipapo "ura" fazendo alguns grafismos no corpo e urucum "hidepi" no rosto. Ornamentam-se também com tiras, fibras, faixas e cocar (de penas de arara e papagaio) de tucumã e buriti.

Antes das festas, a comunidade toda se organiza para a confecção dos enfeites. É um dos momentos de total integração e de maior empolgação de toda comunidade.

VOCÊ PARTICIPA DE FESTAS NO LUGAR ONDE VOCÊ VIVE? ESSAS FESTAS FAZEM PARTE DA CULTURA LOCAL?





# POVO ISOLADO?

Pela distância que a comunidade está das cidades e pela dificuldade de acesso da comunidade em alguns períodos do ano, é possível que algumas pessoas imaginem este povo quase que isolado. Porém, o povo Jamamadi Deni tem contato com outros povos indígenas, especialmente com o povo Apurinã, inclusive acontecendo casamentos entre pessoas dos dois povos.

EMBORA ESTEJAM DISTANTES DAS CIDADES, AS PESSOAS JAMAMADI DENI CRIAM RELAÇÕES COM POVOS PRÓXIMOS E COM NÃO INDÍGENAS, ESPECIALMENTE QUANDO VÃO PARA AS CIDADES.

Maria, uma jovem Apurinã, casou-se com um rapaz Jamamadi Deni. "Me sinto muito feliz estando junto com os Jamamadi. Já falo a língua, aprendi com eles. Acho bom morar aqui, porque eles têm a cultura deles e eu vou aprendendo junto com eles."

Assim como a jovem, Dona Maria, que também é do povo Apurinã, viveu um tempo fora da comunidade e depois retornou: "Agora voltei de novo. Eu não posso deixar eles. Eles são assim como meus irmãos. Eu gosto deles! Quando eu estava lá na minha casa eu chorava de saudades dele. Considero eles como minha família."

Esse acolhimento para com todas as pessoas é algo bastante presente no povo Jamamadi Deni. Há uma postura muito amistosa e de diálogo com quem é diferente.

Porém, quando olham para a vida que as pessoas não indígenas têm nas cidades, são diretos e diretas em expressar que não querem isso para si.

"Aqui a gente fica em casa de palha, assoalho de paxiúba. As casas da cidade, se você entra onde não tem um ventilador, é muito quente. Na cidade, tudo é comprado. Aqui não, você pega um peixe e uma caça e é de graça. Você pega pra comer, não custa nada." Vahanu Maukuvideni

Francisco Maukuvideni também pensa muito parecido: "Na cidade, é muito calor. Na aldeia, é fresco, tem os passarinhos, os animais. Na cidade, tem que comprar tudo."

Essa leitura de mundo que as pessoas Jamamadi Deni fazem sobre não indígenas reflete como enxergam a sociedade não indígena: muito calor, sem passarinho e onde tudo é comprado. O professor Apurinã, que atua na comunidade do Tocimão, Francisco Ferreira questiona: "Será que somos nós, aqui, que vivemos isolados? Ou são os não indígenas, que estão no meio da cidade, mas nem conhecem seu vizinho? Aqui, a gente está conectado! Conectado com nossa comunidade, conectado com a natureza. Isoladas são as pessoas que perderam essas conexões."



# O FUTURO QUE SE QUER

A comunidade Jamamadi Deni do Tocimão fala muito sobre seu passado e seu presente. Relatam como viviam e como conseguiam encontrar alternativas para resolver seus problemas, mesmo quando ainda não tinham acesso a ferramentas. Contam com orgulho as histórias de lutas que possibilitaram a demarcação de seu território e a consequente sobrevivência enquanto povo. Os homens se empolgam ao relatar histórias de caçadas, quando enfrentaram onças e garantiram alimento para a comunidade. As mulheres contam orgulhosas como suas mães faziam redes de fibras naturais para que dormissem protegidas.

O FUTURO DO POVO JAMAMADI DENI DEPENDE TAMBÉM DE OUTROS POVOS RESPEITAREM SEU MODO DE SER E SEU TERRITÓRIO!

Porém, quando se pergunta ao povo sobre o futuro que querem, ficam em silêncio por alguns instantes. "Eu gosto de morar aqui. Não tem perturbação, a terra é boa. Eu quero que todo o pessoal fique aqui, minhas filhas. Quero meu pessoal tudo aqui, com saúde."
Agostinho Taruzazadeni

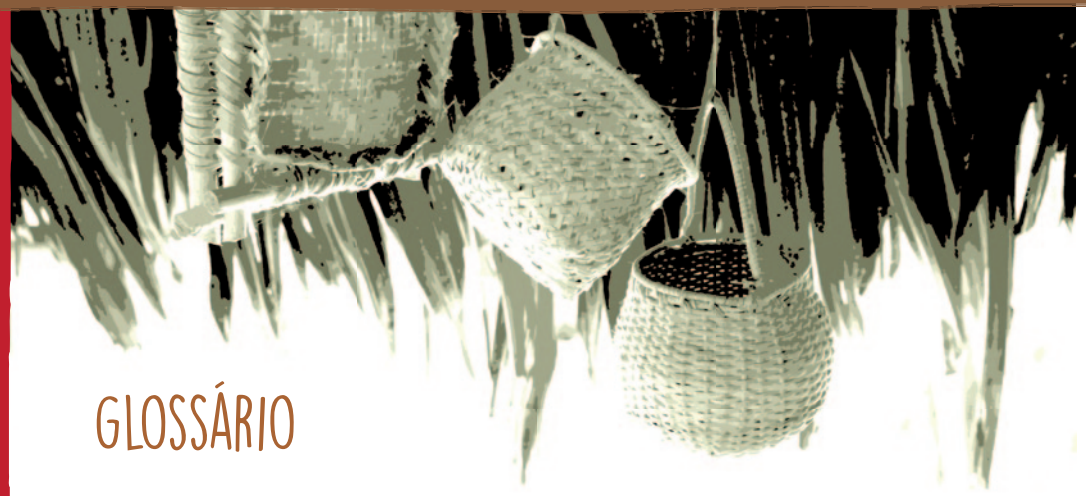
Sobre o futuro: "Daqui há 20 anos, o povo Jamamadi Deni vai seguir nesse território, pois nossa população está aumentando. E assim vai ser até o fim desta terra. Eu não sei quantos anos ainda vou viver, mas o povo vai seguir aqui e este povo está aumentando."
Mavira Zepenekusi

Junto com esse profundo desejo de seguirem vivendo a seu modo e com tranquilidade, já há preocupações em relação à presença de não indígenas nas proximidades, sejam pessoas fazendeiras, caçadoras ou pescadoras. O povo Jamamadi Deni sabe que estas presenças podem afetar profundamente seu modo de ser e, por isso, pede ajuda. "Se a gente não pedir ajuda pra resolver isso, vai faltar peixe aqui pro nosso pessoal. Nós já estamos ficando velho, mas têm nossos netos, nossos filhos que vão precisar mais tarde."
Vahanu Maukuvideni

Nupi Maukuvideni expressa que a aldeia é o seu lugar de felicidade: "Eu sou feliz aqui. Aqui todo mundo se dá bem. Se vai pra cidade e passa dois ou três dias, já sente saudades. A gente não se acostuma na cidade, tem que estar aqui na aldeia mesmo."

Jamamadi Deni, povo que faz resistência e festa na Amazônia brasileira, quer para seu futuro liberdade, a fim de continuar sendo como é e ter autonomia sobre seu território. Tendo sua liberdade e autonomia garantidas, seguirá como símbolo de resistência e nos ensinando que a festa é parte importante de cada povo.





# GLOSSÁRIO

BATELÃO – É um tipo de embarcação comum na região do Amazonas, navega nos rios em igarapés mais profundos. Geralmente é uma embarcação de porte médio ou grande que transporta pessoas ou mercadorias de um lugar para outro.

BROCAR – Na região Amazônica, usa-se muito esse termo para se referir a roçar ou cortar o mato da área onde irá se fazer um roçado.

CAPEBA DO JOARI – É uma planta da região Amazônica que é usada de forma medicinal para muito povos da região.

COIVARA – É uma técnica agrícola feita em comunidades tradicionais como indígenas, ribeirinhas e quilombolas no Brasil. Conhecida também como agricultura itinerante com práticas de poucos anos de cultivo seguidos de muitos anos de repouso.

IGARAPÉ – O nome igarapé é de origem da língua tupi e significa 'caminho de canoa'. Ele pode ser estreito, largo, raso ou fundo, com águas límpidas, transparentes ou escuras, que geralmente passam pelo interior da mata. É encontrado no bioma da Amazônia, zona norte do Brasil, sendo muito utilizado como meio fluvial para os povos e populações dessa região que utilizam embarcações de pequenos portes como barcos e canoas.

JUTAÍ – É uma árvore da região Amazônica muito utilizada para construção de canoas. Por ser uma madeira muito leve, é excelente para a navegação.



KARIU – É uma palavra usada tanto pelos povos Apurinã como Jamamadi para se referir ao não indígena.

MUQUINHAR – É um tipo de técnica usado por povos indígenas na Amazônia para assar peixes ou carnes de caça, onde a carne ou peixe, depois de muquinhados, podem ainda ser comidos por dois ou três dias. Quando é peixe ele é muquinhado na folha da bananeira.

PANEIRO – Cesto grande feito de cipós com duas asas para colocar alimentos e objetos.

PAXIÚBA – É um tipo de palmeira comum na região Amazônica, sendo muito utilizada para construção de casas e para assoalhar o chão.

TAPIRI – É uma palavra de origem tupi. É uma espécie de palhoça, casa pequena coberta de palha, um abrigo provisório para uma curta temporada de pessoas pescadoras, caçadoras, coletoras e viajantes. É uma típica moradia provisória de povos e populações da região Amazônica.

TAPITI – Tapiti ou tipiti é uma palavra de origem tupi. É um instrumento usado pelos povos indígenas para espremer a massa de mandioca ralada no processo de produção da farinha de mandioca.

TERÇADO – É uma palavra especialmente usada no Acre. É uma designação para a palavra facão.

TINGUI – É uma palavra de origem tupi. Um tipo de planta, arbusto que é retirado o sumo para colocar nos igarapés para adormecerem os peixes, sem causar danos para quem come, facilitando a pesca em grande quantidade.

TUCANDEIRA – É uma espécie de formiga comum nas florestas amazônicas, da família dos períneos. Possui grandes e fortes ferrões e é carnívora.

VOADEIRA – Tipo de embarcação utilizada na região Amazônica nos rios e igarapés, também conhecida em outras regiões como lancha.

9 788593 033087

